



UMA ARMADILHA PERFEITA: O OLHAR EXOTÓPICO EM “JE NE PARLE PAS FRANÇAIS” DE KATHERINE MANSFIELD

GONÇALVES, Letícia de Souza¹ (UNESP – Assis)

How can one look the part and not be the part? Or be the part and not look it? Isn't looking – being? Or being – looking? At any rate who is to say that it is not? (MANSFIELD, 1998, p. 54)

RESUMO: Dotada de extremo lirismo e aguçada sensibilidade, a obra de Katherine Mansfield marcou uma geração de escritores do início de século XX e solidificou suas bases dentre produções literárias em língua inglesa. Em uma época em que, à mulher, eram reservados espaços do universo íntimo e privado nas relações sociais, a escrita de Katherine Mansfield vem revelar o lado oculto desse universo público, lado este tão essencial ao conhecimento de nós mesmos. A partir dessa clarificação psicológica, fatos ordinários da vida cotidiana adquirem novas perspectivas sob o foco de uma personagem em constante auto-afirmação. É o caso do conto “*Je ne parle pas Français*”, cujo personagem-narrador Raoul Duquette apresenta um discurso ambíguo, sedutor e, por conseguinte, repleto de armadilhas subliminares capazes de atrair presas frágeis e inocentes. Baseando-se na manipulação discursiva proveniente daquele que relata a sua própria história e na distância espaço/temporal entre o vivenciar e o relatar, este trabalho tem como objetivo analisar o referido conto no que se refere ao foco narrativo e à simbologia do cão e do camundongo para, enfim, ilustrar a (des)construção da noção de gênero. Para tanto, aplicamos o conceito de exotopia, de Mikhail Bakhtin, com o intuito de verificar o olhar excedente no âmbito espaço/temporal de um narrador em primeira pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Katherine Mansfield; “*Je ne parle pas français*”; exotopia; literatura em língua inglesa.

A PERFECT TRAP: THE EXOTOPIC VIEW IN
“*JE NE PARLE PAS FRANÇAIS*” BY KATHERINE MANSFIELD

ABSTRACT: Endowed with extreme lyricism and keen sensitivity, Katherine Mansfield's work marked a generation of writers of the early twentieth century and solidified her base among

literary productions in English. In a time when private and intimate universe was reserved to women's social relationships, the writing of Katherine Mansfield comes to reveal the hidden side of this public universe, so essential to the knowledge of ourselves. From this psychological clarification, ordinary facts of everyday life take on new perspectives in focus of a character in constant self-assertion. This is the case of the short story "*Je ne parle pas Français*", whose character-narrator Raoul Duquette presents an ambiguous and seductive speech, therefore, fraught with subliminal traps able to attract fragile and innocent preys. Based on the discursive manipulation from one who tells his own story and on the distance in space / time between the experience and the reporting, this paper aims to analyze the short story with regard to the point of view and to the symbolism of the dog and the mouse to, finally illustrate the (de)construction of the notion of gender. For this purpose, we apply the concept of *exotopia*, by Mikhail Bakhtin, in order to check the exceeding view in the space / time of a first-person narrator.

KEY WORDS: Katherine Mansfield; "*Je ne parle pas français*"; *exotopia*; English literature.

As representações alteram e modificam entidades sociais de maneira a criar imagens múltiplas para um mesmo elemento. A união de tais imagens compõe um todo acabado em sua essência que, por vezes, nunca será capaz de alcançar sua verdadeira identidade. Seres ocupantes de um eixo espacial englobam em si o rol de características provenientes do seu próprio ambiente e refletem partículas daquilo que forma a sua identidade. O eu e o outro apresentam-se no acontecimento da existência à medida que seus atos despertam indícios de caráter identitários.

Vale ressaltar tais elementos na literatura, uma vez que esta é a representação das perspectivas do real e ilustra o homem em suas peculiaridades com relação ao outro e a si próprio. Eu apenas pertencço ao mundo a partir do que o outro me acrescenta, me retira, me inclui ou me isola e, da mesma maneira, o outro participa desse enredo existencial, literário ou não, se eu lhe fornecer uma parte de meu olhar consciente, ou seja, eu sou a união dos outros que me circundam, bem como o outro é aquilo que pertence ao seu contexto, do qual eu participo.

Considerando tais apontamentos, este trabalho possui como objeto de análise o conto "*Je ne parle pas français*" de Katherine Mansfield, no que se refere ao posicionamento e acabamento do narrador em primeira pessoa perante os outros elementos narrativos. Para tanto, utilizamos a abordagem sociológica da *exotopia* bakhtiniana, segundo a qual somente o "outro" externo, dotado de um excedente espaço/temporal, fornece ao "eu" solitário e incompleto no acontecimento da existência, a consciência concludente.

O ato de relatar um fato pressupõe inúmeros aspectos, dentre eles o posicionamento daquele que relata, o papel deste no fato relatado e o seu com-

prometimento perante os indivíduos envolvidos e o próprio fato. A simples ação de sentar-se em um café parisiense, tomar algumas notas para futuras produções literárias e lembrar uma época remota da vida abrange artimanhas linguísticas típicas de um personagem-narrador em busca de redenção. No decorrer de um discurso aparentemente descomprometido, Raoul Duquette expõe eventos ocasionadores de um possível triunfo recompensado ou um crime cometido, comprometendo-se com a sua história e o seu leitor. Entre o triunfo e o crime, está o leitor que, embora seja um elemento externo, é o único responsável pela palavra concludente.

“*Je ne parle pas français*” é a frase representativa da memória do protagonista, fazendo-o retornar a um acontecimento de sua vida, retorno este proibido às regras pessoais de Raoul Duquette, já que, segundo ele, o que está feito é algo encerrado e indigno de lembranças e/ou arrependimentos. O ato de lamentar algo passado significa um gasto de energia fatal para a Arte, da qual o protagonista afirma-se profundo conhecedor e praticante. O único fato capaz de transformar sua regra em exceção é aquele relacionado à referida frase que intitula o conto.

Em busca de papel para anotar inspirações repentinas formadas em sua mente de literato em formação, Raoul Duquette encontra um pedaço de mata-borrão e sente uma profunda comoção ao ler a frase escrita com tinta verde. Com a leitura da frase-chave, o protagonista apresenta *flashes* de memória que trazem fatos do passado, revivendo o contexto no qual a afirmação *Je ne parle pas français* está inserida. A frase desperta tais sensações indescritíveis em Raoul Duquette, uma vez que sintetiza um acontecimento marcante de sua vida e provoca um sentimento de agonia com relação ao seu passado.

Ao pedir um uísque ao garçom do café, Raoul Duquette personifica o escritor inglês Dick Harmon e inicia sua sequência de flashbacks. O encantamento do primeiro pelo segundo foi instantâneo, uma vez que o moderno e elegante escritor que falava francês com desenvoltura e mostrava-se interessado em estudar a literatura daquele país representava naquele momento uma figura perfeita para os fins mascarados do protagonista. A adaptação dos interesses profissionais aproximou ambos até que, após idas e vindas, Raoul conhece Mouse, acompanhante de Dick em seu retorno a Paris. Ao declarar que não fala francês (*Je ne parle pas français*), Mouse inconscientemente rompe, não somente os limites territoriais, bem como os sociais, demonstrando que o desconhecimento do idioma daquele país que a acolheu serve como via de entrada para a intervenção de um francês nativo.

O ato de Mouse possibilitou a ação dissimulada do protagonista de acompanhá-la pelo espaço físico, abrindo as portas linguísticas, e pelo espaço psicológico, abrindo as portas afetivas. Em vista disso, a frase pronunciada por Mouse simboliza uma fase de descoberta e de diálogo interior que, no decorrer da narração dos fatos, torna-se uma confissão renovada a cada leitura. Sendo assim, Raoul Duquette, Dick Harmon e Mouse representam os lados de um triângulo, cuja base, formada pelo protagonista, coordena e gerencia os contratos sociais implícitos nesse jogo discursivo. Os eixos temáticos desse triângulo englobam o âmbito social e o sexual, visto que, à medida que o personagem-narrador (o eu) descreve as partes envolvidas em sua ação (os outros), comportamentos e elementos simbólicos a eles atribuídos constituem gradativamente imagens ambíguas.

O discurso articulado e suspeito do narrador em primeira pessoa introduz o leitor em vias obscuras e duvidosas, criando uma atmosfera propícia para a afirmação plena ou para o questionamento oscilante. Ao apresentar-se como sujeito de um triunfo ou de um crime, Raoul Duquette sugere que fatos serão relatados e indivíduos serão descritos com base em preceitos peculiares advindos de uma mente disposta a manipular situações que não oferecem mais evidências concretas, apenas uma frase. Logo, é a partir dessa frase que a narrativa adquire um tom de confissão e classifica os elementos do todo artístico da obra, isto é, o acabamento do todo das personagens e do acontecimento conjunto de suas vidas. Com base em tais preceitos sociológicos, analisemos a trajetória do protagonista Raoul Duquette e a relação entre o eu e o outro no mundo da visão artística.

Em "*Je ne parle pas français*", há quatro elementos particulares suscetíveis de segregação no interior da narrativa, que são Raoul Duquette personagem, sujeito em um plano plástico-pictural remoto, trazido na memória do Raoul Duquette em seu ativismo vivo, o eu inserido no acontecimento da existência e vivente no tempo/espaço narrativo presente; o outro, segmentado nos personagens Dick Harmon, Mouse, Madame e o garçom; e, por fim, o autor-criador capaz de abranger a consciência e o mundo da personagem, sendo transgrediente a este.

Iniciando a narração está o eu de Raoul Duquette, simultâneo ao processo de leitura e, portanto, atualizado e renovado a cada apreciação literária. Por meio do recurso do *flashback*, Raoul Duquette adquire perfil de personagem para si próprio, configurando a categoria do "eu-para-mim" em um contexto onde as demais personagens tornam-se o "outro-para-mim". Assim, a narrativa oscila constantemente entre o universo do relato presente e o do retrato passado, pois, à medida que Raoul Duquette na condição de "eu-para-mim" insere-se na própria

história, de certa forma, ele apresenta-se como “outro” para si mesmo, criando um jogo de identidade e alteridade.

A fim de embasar a análise das representações no conto, vejamos a teoria da exotopia de Mikhail Bakhtin acerca da relação entre criador e sua criatura, isto é, autor e personagem. A reciprocidade de tais elementos da obra abrange questões de ordem sociológica, no que se refere à constituição imagética dos indivíduos e seu trânsito permanente, uma vez que existe uma dupla via de responsabilidade entre a realidade ético/cognitiva e a realidade estética. Para o teórico, autor e personagem apresentam-se em graus distintos de aproximação/distanciamento, dependendo da perspectiva daquele que está inserido na história e da qual participa. É nessa fronteira entre o próximo e o distante que se verifica o discurso empregado e seus níveis de veracidade.

Embora ambas as realidades (cognitiva/ética e estética) sejam interligadas, vale ressaltar a distinção entre autor-pessoa e autor-criador. Este último é elemento constitutivo da obra, associando-se, por conseguinte, à realidade estética. O autor-pessoa, por sua vez, pertence ao âmbito biográfico, ou seja, ao acontecimento ético e social da vida, e não participa diretamente da apreciação literária posterior à sua criação. Logo, inseridos no todo da obra, autor e personagem localizam-se na mesma trilha do acontecimento da existência, embora um possa ultrapassar, antecipar, vivenciar ou anular o outro.

O autor é o elemento basilar para a exotopia, uma vez que seu posicionamento garante a antevisão dos fatos narrados e a distância espacial, temporal e valorativa. Além disso, o autor:

não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento de visão e conhecimento do autor [...] é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas. (BAKHTIN, 2010, p. 11)

O isolamento social impossibilita a constituição da identidade e a plena compreensão dos valores do mundo, ou seja, o “eu-para-mim” depende do “eu-para-o-outro”. Na realidade ético/cognitiva, o “outro”, exterior ao “eu” no tempo e no espaço, é detentor de uma imagem desconhecida de seu observado e fornece a este os elementos pendentes para a integralização e completude de seu universo particular. Se o “eu” não é capaz de formar-se sozinho, o “outro” é aquele que lhe

fornece a consciência concludente, ampliando suas vias identitárias. Na realidade estética, o autor é o proprietário da palavra concludente e o personagem torna-se passivo perante tal visão hierárquica. Nesse caso, o excedente de visão do autor caracteriza e constitui o personagem integralmente, diferentemente da realidade ético/cognitiva em que o olhar excedente é um quesito complementador.

A fim de compreender o caráter do autor no conto em questão, devemos abordar o personagem Raoul Duquette e seu acontecimento vital, segundo a tipologia bakhtiniana. Em termos de relação recíproca entre autor e personagem, existem distintas focalizações e posicionamentos narrativos conforme a força dominante do primeiro perante o segundo, ou vice-versa. Logo, Bakhtin apresenta três casos desse jogo de manipulações literárias entre tais elementos da obra, a saber: o personagem domina o autor; o autor se apossa do personagem; e o personagem é o autor de si mesmo. Embora o personagem adquira uma posição axiologicamente passiva perante a onisciência de seu autor, ambos podem desconstruir a imagem hierárquica de criador possuir plena regência de sua criação, invertendo ordens e reclassificando posições.

Como afirmamos anteriormente, Raoul Duquette divide-se em dois elementos na obra, o “eu” e o personagem. Sentado no café parisiense, o protagonista disserta acerca da alma humana, dizendo não acreditar nela, uma vez que, as pessoas, para ele, são como valises repletas de utensílio, ora despachadas, ora acolhidas, ora perdidas, ora encontradas, que em determinado momento, são arremessadas no derradeiro trem pelo derradeiro carregador. Embora sendo objetos, as pessoas não deixam de exercer certo fascínio para ele, despertando-lhe o desejo de representar um funcionário da alfândega nesse trâmite de indivíduos “emballados”. Com tal afirmação, o “eu” de Raoul Duquette fornece indícios de sua índole observadora e antecipa uma história marcante em seu acontecimento vital do passado. Entre digressões e confissões, o protagonista manipula e desvela intimidades de sua personalidade e cria o contexto propício para que seu interlocutor possa avaliar o fato que se segue, como no excerto abaixo:

Do you believe that every place has its hour of the day when it really does come alive? That's not exactly what I mean. It's more like this. There does seem to be a moment when you realize that quite by accident, you happen to have come on to the stage at exactly the moment you were expected. Everything is arranged for you – waiting for you. Ah, master of situation! You fill with important breath. And at the same time you smile, secretly, slyly, because Life seems to be opposed to granting you these entrances, seems indeed to be engaged in snatching

them from you and making them impossible, keeping you in the wings until it is too late, in fact [...]. (MANSFIELD, 1998, p. 44)

Nessa primeira parte em que Raoul Duquette manifesta-se no presente narrativo em forma de “eu pessoa”, há dois sujeitos em seu discurso apresentados nos pronomes “you” e “I”. Esse “eu”, que se apresenta nas primeiras linhas, dirige-se a outro indivíduo exterior à história, porém relevante ao seu desenvolvimento. O personagem cria tal indivíduo com o intuito de servir-lhe como testemunha de suas ações e compreender seu papel naquele pequeno círculo social. Ao mesmo tempo em que parece estar fora da história, esse “outro” é tão presente quanto os indivíduos que circulam pelo café, amalgamando-se, por vezes, ao seu “eu-para-mim”. Considerando o trajeto comunicativo de um elocutor em redenção perante a sua suposta testemunha, Raoul Duquette apresenta-se como autor de si mesmo.

Se personagem e autor estabelecem uma relação de dependência, o personagem autor de si mesmo é auto-suficiente e lança o fio condutor de seu discurso, camuflando o excedente espaço-temporal interior à narrativa. A princípio, Raoul Duquette simboliza um quebra-cabeça incompleto e desmontado que se constrói gradativamente, à medida que ele próprio apresenta uma peça. Assumir não crer na alma humana e possuir uma vida submersa, ver-se como o destaque no cenário da vida literária, desprezar eventos passados, ignorar seus ascendentes, ostentar luxos fúteis sem ter pago por eles, declarar nunca ter tomado a iniciativa ao aproximar-se das mulheres são algumas das peças esparsas na trama dos acontecimentos de sua existência. Dispostas as peças da vida, o “eu” Raoul Duquette não procura uni-las de maneira a justificar uma imagem montada, mas sim mantê-las como estão, para enfim apresentar fatos do Raoul Duquette personagem.

Embora autor de si mesmo, seus atos não são capazes de determinar sua personalidade integralmente, já que a consciência excedente apresenta a palavra concludente acerca do “outro”. Agindo, se está vivendo e vivendo se está agindo, ou seja, a vida é a comunhão de atos isolados e inerentes ao ser atuante. Pelo intermédio do ato, “realizo uma significação concreta, semântica, mas não a mim mesmo enquanto algo determinado e determinável”, pois no ato, “está ausente o elemento do auto-reflexo do indivíduo atuante” (BAKHTIN, 2010, p. 128). Ao agir, a consciência do sujeito atuante não alcança princípios basilares da sua existência, todavia formula questionamentos referentes ao ato em si, tais como: por quê? para quê? como?. Logo, as peças da vida de Raoul Duquette sempre estarão esparsas, contanto que um elemento externo não as monte obedecendo

aos encaixes corretos.

Tendo em vista que Raoul Duquette é autor de si mesmo, "*Je ne parle pas français*" possui a forma do "auto-informe-confissão" da qual "o outro é excluído com sua abordagem particular" e o sujeito da confissão é isento do elemento transgrediente no conjunto da obra. Em decorrência de tal isenção, o protagonista do conto migra do "eu-para-mim" para o "outro-para-mim", de modo a ostentar certa independência de julgamento exterior e liberdade de alteridade. Nesse caso, não existindo distância axiológica entre personagem e autor, ambos fundem-se em um mesmo elemento, ou seja, Raoul Duquette confessa possuir um estilo de vida que justifique seu ato, ainda que seu auto-reflexo não lhe conclua integralmente.

Toda confissão pressupõe ouvintes que, na maioria das vezes, não participam do ato do sujeito, somente conferem-lhe o posicionamento passivo do receptor indiferente. Enquanto nas outras formas em que autor e personagem interagem em dupla via hierárquica, o aspecto passivo cabe ao personagem, na forma do auto-informe-confissão, a passividade do elemento externo é representada pelo leitor/contemplador. O leitor adquire o olhar excedente no processo de leitura, uma vez que os elementos transgredientes do acontecimento da vida do sujeito da confissão passam a ser de seu domínio, transformando-o em co-criador, ainda que a figura do autor/criador seja difusa.

De todos esses elementos do excedente trazidos de fora pela percepção pode desdobrar-se uma forma esteticamente acabada de obra. O contemplador começa a tender para a autoria, o sujeito do auto-informe-confissão se torna personagem. (BAKHTIN, 2010, p. 136)

O auto-informe-confissão é uma forma estilística propícia à abertura da obra no que se refere à recepção desta e, por conseguinte, às múltiplas interpretações. O leitor de uma confissão nos moldes artísticos atua com maior requinte de julgamento à medida que sua distância axiológica do acabamento da obra e do personagem lhe possibilita a visão abrangente do conjunto. O "eu" de Raoul Duquette nunca lhe fornecerá a palavra concludente acerca do Raoul Duquette como personagem e acerca de Dick Harmon e Mouse, embora seja o detentor do acontecimento de suas vidas. Cabe ao "you" (âmbito intra-narrativo), no caráter de testemunha e leitor/contemplador (âmbito extra-narrativo), representar a "consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem" (BAKHTIN, 2010, p. 11).

Nesse jogo de consciências, Raoul Duquette como personagem de sua própria história pertence a um tempo e espaço passados, quando suas “presas” Dick e Mouse atravessaram o caminho do cão Fox Terrier. A ambivalência de Raoul Duquette oscila entre a incerteza do “eu” presente e a negatividade do “personagem” passado em um cenário onde ambos surgem em sua mente. No presente narrativo, o protagonista observa o seu reflexo no espelho do café parisiense e parece abstrair-se de si mesmo quando se vê sorrindo.

Suddenly, I realized that quite apart from myself, I was smiling. Slowly I raised my head and saw myself in the mirror opposite. Yes, there I sat, leaning on the table, smiling my deep, sly smile, the glass of coffee with its vague plume of steam before me and beside it the ring of white saucer with two pieces of sugar. (MANSFIELD, 1998, p. 45)

De acordo com o *Dicionário de símbolos* (2009, p. 393), o espelho reflete “a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência”, além de fornecer uma imagem invertida da realidade. Ao olhar para o espelho, Raoul Duquette vê-se com um sorriso dissimulado e astuto e, em seguida, “abre os olhos” e percebe que a vida continua. Apesar de refletir unicamente a imagem externa, o espelho é um dos elementos narrativos que atua como denunciador da personalidade obscura, do “eu-para-mim”. Nem mesmo o espelho é capaz de fornecer ao seu observador o enfoque real de sua imagem externa, já que, segundo Bakhtin, sua situação diante do espelho “sempre é meio falsa”. Portanto, a dialética do espelho está centrada na perspectiva simbólica do conteúdo e na perspectiva sociológica da imagem.

Em sua auto-descrição física, Raoul Duquette mostra-se com características delicadas e, por conseguinte, afeminadas, referentes a uma moça. Além de ser franzino, seus cabelos são sedosos, seus cílios são longos e suas mãos são miúdas. Ele afirma que, em certa ocasião, uma mulher na pastelaria lhe disse que suas mãos foram feitas para trabalhar com massas delicadas. No trecho a seguir, o protagonista, em tom de confissão, apresenta suas próprias impressões corporais quando está despido: “I confess, without my clothes I am rather charming. Plump, almost a girl, with smooth shoulders, and I wear a thin gold bracelet above my left elbow” (MANSFIELD, 1998, p. 49). Ao se denominar uma “quase garota”, Raoul assume uma posição intermediária no campo dos sexos, visto que é do sexo masculino e, no entanto, reflete aspectos femininos.

Tanto seu reflexo da imagem exterior no espelho, quanto seu reflexo do conteúdo interior revelam o que há de recôndito na alma, aproximando as dimen-

sões humanas externas e internas e constituindo uma “alma alheia” dotada de plena autonomia. A visualização de si mesmo no espelho do café desperta o lado oculto de Raoul Duquette e liberta o cão existente em seus piores momentos. Nos fragmentos seguintes, o personagem enfatiza o cão de raça específica: “Out of my sight, you little perfumed **fox-terrier** of a Frenchman” (p. 52), “Away the little **fox-terrier** flew” (p. 53), “I waited for him and was even conscious of venturing a **fox-terrier** wag or two to see of he could possibly respond” (p. 56), “You must come! said Dick to the little **fox-terrier**” (p. 57), “... Come, my Parisian **fox-terrier**! Amuse these sad English! It’s no wonder they are such a nation for dogs” (p. 60), “And the faithful **fox-terrier** carried it across to him and laid it at his feet” (p. 61).

O desdobramento de Raoul perante o espelho personifica sua “alma alheia” em forma de um cão Fox Terrier que ultrapassa o pormenor físico da semelhança do nariz com o focinho, para abranger aspectos peculiares de personalidade e comportamento. Segundo o *Dicionário de símbolos* (2009, p. 180), o cão simboliza o herói civilizador, a potência sexual e a perenidade, além de ser um sedutor, incontinente e transbordante de vitalidade como a natureza. À medida que Raoul traz à memória seu relacionamento com Dick e Mouse, o cão surge como sua imagem refletida a partir daquele espelho primário, simbolizando seu lado manipulador e sedutor em situações que lhe garantam algum benefício.

A especificação da raça do cão direciona ainda mais as representações interpretativas do seu “eu-para-mim”. O Fox-Terrier é um cão de origem inglesa, conhecido como o caçador de animais em tocas, como raposas ou animais de pequeno porte (ratos, camundongos). Sendo um caçador de animais de tocas, o Fox-Terrier tem como estratégia de caça a observação e a espera paciente a fim de que sua presa deixe seu local de origem. Da mesma forma, Raoul Duquette apenas aguarda a aproximação de outras pessoas, porém mantém-se atento às demonstrações de fraqueza e carência das mesmas, para, enfim, abordá-las sutilmente. Vejamos o trecho em que Raoul descobre Dick em uma festa:

But I really had not time to fling my line before he said, giving himself a soft shake, coming right out the water after the bait, as it were [...]. I was so deeply, deeply flattered that I had to leave him then and there to preen and preen myself before the cubist sofas. **What a catch!** An Englishman, reserved, serious, making a special study of French literature... (MANSFIELD. p. 50, grifo nosso).

A expressão “*what a catch!*” ressalta a reação de Raoul Duquette sob a

forma do cão Fox Terrier e denota uma das etapas de sua caça. O cão caçador avalia o ambiente e escolhe a vítima; em seguida, lança a isca e aguarda; finalmente, o alvo é atingido e a “*catch*” está impossibilitada de qualquer escapatória. Considerando seu tom confessional, o protagonista assume sua ambiguidade, ora vivenciando um “eu” construído com base nas concepções malélicas de atração intencional (cão – presa), ora representando um “eu” limitado autor de si mesmo (jovem literato francês).

Tal atração intencional completa-se com a personagem *Mouse*, a mulher que acompanha Dick Harmon em seu retorno a Paris. Após um período ausente, Dick anuncia a Raoul sua volta por meio de uma carta e lhe pede para que reserve quartos para ele e uma amiga. Ao receber a notícia, Raoul passa os dias de espera a imaginar como seria a acompanhante de Dick e a ensaiar possíveis reações no momento do reencontro, desejando expressar certa indiferença. Apesar disso, o protagonista mostra-se ansioso diante de Dick, cuja acompanhante inglesa lhe profere as palavras que marcam esse fragmento de sua vida: *Je ne parle pas français*.

Logo, a frase representa a isca que o protagonista necessita para seguir em direção à sua próxima presa de nome sugestivo. O fato de *Mouse* não falar francês desperta em Raoul Duquette um sentimento de companheirismo e acolhimento para com a desconhecida em terra estrangeira. Sendo falante nativo da língua francesa, Raoul oferece auxílio à mulher inglesa quando esta se vê abandonada por Dick no desfecho do conto, ou seja, o roedor sai de sua toca e o Fox-Terrier prepara mais uma caça. No excerto seguinte, o protagonista “implora”, em seu íntimo, um lugar na vida de *Mouse* e contenta-se ao perceber que a mesma lhe oferece uma chance:

‘Do you feel that I am your friend’, I cried. ‘You will let me come tomorrow, early? You will let me look after you a little – take care of you a little? You’ll use me just as you think fit?’
I succeeded. **She came out of her hole** ... timid ... but she came out (MANSFIELD. p. 65, grifo nosso).

Assim como Dick Harmon, *Mouse* também é uma presa valiosa ao Fox Terrier caçador. O personagem-narrador descreve-a fisicamente como uma mulher bonita, frágil e vulnerável, de cabelos escuros e longos cílios; não obstante sua fragilidade feminina, *Mouse* apresenta aspectos masculinos, em seu “strange boyish way Englishwomen do” (MANSFIELD, 1998, p. 56). O leitor/contemplador, portanto, obtém uma imagem externa dos personagens por meio da narração seletiva do sujeito do auto-informe-confissão, aperfeiçoando seu excedente de visão com a apreciação da simbologia do “camundongo” (*Mouse*).

Conforme o *Dicionário de símbolos* (2009, p. 172), o camundongo está ligado ao rito da excisão. Ele veicula “a parte da alma das excisadas (a parte masculina do sexo feminino), que deve voltar para Deus para esperar por uma reencarnação”. Assim, o camundongo é o elemento intermediário entre o sexo masculino – representado no clitóris de mulheres excisadas – e o sexo feminino e é o símbolo dessa personagem dupla e ambígua.

Além disso, seu similar “*mousey*” (ou “*mousy*”) é empregado, na língua inglesa, a fim de remeter-se à personalidade introspectiva de uma pessoa ou à aparência dos cabelos. Nesses termos, possui aplicação negativa, uma vez que “*mousey hair*” quer dizer “cabelo sem cor e sem brilho” e “*mousey woman*” constitui “mulher insignificante” ou ainda “mulher sem personalidade”. Em vista disso, a personagem que leva tal nome ocupa uma posição marginal no relacionamento triangular, onde Raoul e Dick estabelecem comunicação por meio de um idioma que ela não domina. O fato de *Mouse* não falar francês a exclui, não somente do processo de comunicação oral, como também da implícita ligação afetiva entre ambos.

A ambiguidade não somente de caráter, bem como de gênero, origina-se da representação dos sujeitos envolvidos no acontecimento da obra e da consciência inacabada do personagem autor de si mesmo. A construção de imagens abrange múltiplas ideologias capazes de fornecer um tópico excedente na composição do outro e de si mesmo. Em “*Je ne parle pas français*”, a única ideologia existente é a do sujeito do auto-informe-confissão perturbado com relação a quem ele é e o que ele significa para as outras pessoas. É a partir dessa unicidade ideológica que o leitor/contemplador, fora e além no tempo e no espaço, preenche a abertura individual e coletiva.

Tendo em vista as entidades narrativas ramificadas na duplicidade de Raoul Duquette (eu-para-mim) e na particularidade dos personagens Dick e Mouse (outro-para-mim), verificamos sua disposição nos termos bakhtinianos. No âmbito espaço/temporal da memória do protagonista, o mesmo transfere-se para o plano dos personagens Dick e Mouse, desdobrando-se de seu “eu” no acontecimento da existência. Sendo assim, há distintas gradações exotópicas no conto, conforme a distância axiológica dos elementos envolvidos. Por um lado, Raoul Duquette está além de si mesmo ao narrar sua própria história e, por conseguinte, detém a visão excedente de seu “eu” (alma alheia) e dos outros. Por outro lado, o leitor/contemplador, testemunha da confissão, é o portador da visão excedente global, uma vez que atribui acabamento ao todo.

É devido a essa dependência formativa que seres solitários tornam-se

coletivos sociais em constante troca de olhares exotópicos. Nesse contexto, a literatura ilustra o que há de singular na evolução da relação humana, apresentando multiplicidade de perspectivas no âmbito estético. Incorporar arte e vida pressupõe mesclar vivências da realidade estética e da realidade ético/cognitiva a fim de que a sociedade cresça a partir do olhar exotópico de cada membro nela inserido. “*Je ne parle pas français*” é uma turva imagem do homem moderno e é a síntese da irresolução e da indeterminação das quais somos todos produto, uma vez que, enquanto houver testemunhas da sua eterna confissão, Raoul Duquette seguirá jogando peças esparsas para compor um triunfo ou um crime.

NOTAS

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Doutorado) – UNESP – Assis

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MANSFIELD, Katherine. *Bliss & other stories*. Hertfordshire: Wordsworth, 1998.

MANSFIELD, Katherine. *Felicidade*. Tradução Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

SOBRE A AUTORA

Letícia de Souza Gonçalves é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Assis, e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Possui graduação (2003) e mestrado em Letras (2008) pela mesma Universidade. Sua área de interesse é literaturas de língua inglesa e estudos sobre gênero, especificamente a obra Katherine Mansfield. Dentre suas principais publicações, destacam-se os artigos “A ambiguidade sexual nos personagens do conto ‘Je ne parle